

Testemunho, poder e escuta: representações do outro e representações de si em “Biografía de un Cimarrón” e em “Biografía de Mahommah Gardo Baquaqua”

Higor Afonso¹

Em 1966, Miguel Barnet lança *Biografía de un Cimarrón* e provoca um entroncamento importante na relação entre literatura e realidade. Por se tratar de testemunho, o livro é de um hibridismo formal que em muito se relaciona aos discursos mais intensos e questionadores da contemporaneidade. Além disso, pressupõe um encontro entre realidades até então separadas por lugares de fala e de escuta muito distintos, manifestados nas figuras do *mediador* (Miguel Barnet), detentor do conhecimento acadêmico e do domínio das letras, e do *informante* (Esteban Montejo), cuja história, a partir de entrevistas, será ficcionalizada e tornada em livro pelo *mediador*. Nem totalmente texto literário, nem totalmente documento jornalístico, o livro, nas palavras de Barnet:

transciende al libro, o transciende al hecho de ser un objeto, con una escritura que se lee por entretenimiento, o por búsqueda de conocimientos, o por cualquier otra razón. El libro se convierte en un talismán de comunicación entre los seres humanos y ahí es donde adquiere su sentido de utilidad y se completa su mensaje (BARNET, 1996, p. 37).

Para além da extensa análise das minúcias técnicas ligadas ao gênero e à composição da narrativa que atravessam significativa parte da crítica em relação ao texto de Barnet, dedicar algum tempo à leitura desta breve, mas reveladora reivindicação do autor é importante para começarmos a perceber o que está em jogo na composição da obra. Isso porque, o trecho coloca em evidência o aparato conceitual de Barnet no momento em que começa as entrevistas com Esteban. Afinal, localiza-o em um lugar que compreende o real a partir da academia, da posição de intelectual, que pensa em termos transcendentais as identidades que estão em disputa a partir da virada revolucionária. É assim que um livro deixa de ser livro e se torna “talisman de comunicação entre humanos”. Há aí um problema relevante, pois o resultado dessa declaração é um deslocamento das posições ocupadas pelos sujeitos, de modo a tomar por igual aquilo que é desigual. A consequência é a ocultação das realidades materiais que constroem os lugares ocupados por *mediador* e por *informante* na composição da narrativa. Lugares esses que

¹ Higor Afonso é bolsista CAPES e doutorando em Estudos Literários Neolatinos pelo programa de pós-graduação em Letras Neolatinas (PPGLEN) da UFRJ.

pressupõem não apenas uma fala, mas também uma escuta. Afinal, é verdade que a própria concepção do livro demanda um ouvido atento para a fala do *outro*, no entanto, parece-nos cabível pensar até que ponto a escuta do *mediador* é capaz de efetivamente ouvir o que tem a dizer o *informante*. Isso se coloca sobretudo a partir do contexto de produção do testemunho, que prevê uma aproximação entre sujeitos que ocupavam mundos estrangeiros dentro de seu próprio país. Mundos que ensaiam um tipo de simulacro do processo colonial, no qual o poder de falar, de ouvir e, ainda mais, o de colocar questões se produz em movimento unilateral, de uma epistemologia para a outra. Isso ocorre porque os ouvidos de Barnet pressupõem, antes, os da etnografia. Essa, por sua vez, pressupõe os de uma episteme fundamentada no modelo de conhecimento do colonizador. Um configura-se a partir do outro, consolidando um lugar de escuta atravessado por relações de poder pré-configuradas pela matriz epistemológica. O resultado é que os olhos e ouvidos que formatam a personagem *Esteban* o fazem a partir de seus próprios interesses e de seus próprios modos de imaginar o real.

Em *Eu sou o monstro que vos fala*, Paul Preciado dirige-se a uma plateia enfurecida de psicanalistas para fornecer importante reflexão acerca do conceito de epistemologia:

Uma epistemologia é um fechamento do nosso sistema cognitivo que não apenas dá respostas às nossas questões, mas que define as próprias questões que podemos colocar em função de uma interpretação prévia dos dados sensoriais. (PRECIADO, 2020, p. 51-52).

Na ocasião, Preciado se interessava em dar conta de um grave problema da psicanálise em relação à negação das identidades de gênero, em que os psicanalistas creem que podem falar pelos pacientes, determinando o que lhes é possível ser. Recorre ao conceito de epistemologia porque entende que esta negação se dá na medida que o fechamento epistemológico os impede de conceber o mundo de outra maneira senão aquela a que pertencem. Este processo pode ou não ser intencional. No caso relatado por Preciado, há uma resistência direta da parte dos psicanalistas que produzem, por meio do discurso acadêmico dominante, um fechamento que subjuga identidades múltiplas às concepções binárias já estabelecidas para o gênero, condenando o paciente que não se encaixa no modelo a um lugar de dissidência, de marginalidade, em que não pode falar por si mesmo na interação clínica. O Psicanalista, portanto, atua como *mediador* entre o conhecimento hegemônico e a realidade cotidiana, reivindicando para si o poder de determinar quem o paciente tem direito a ser. Guardadas as devidas proporções, é possível dizer que situação semelhante ocorre entre Barnet e Esteban.

Não porque o primeiro impede que o segundo tenha sua própria identidade, mas porque, fechando o pensamento a partir de um pressuposto teórico que determina a superioridade e a universalidade dos próprios métodos, o que Barnet produz é um lugar que subjuga o ato de fala ao domínio da língua escrita, o popular ao acadêmico, o preto ao branco, o comum ao heroico, o material ao transcendental, consolidando relações de escuta atravessadas por determinações anteriores que provocam um ruído constante nos ouvidos. Ruído que direciona atitudes e que impede que o discurso do outro seja reconhecido como igual. Como explica Gloria Andalzúa:

Muitas pessoas têm jeito com as palavras. Elas se chamam visionárias, mas elas não verão. Muitas têm o dom da língua mas nada a dizer. Não as ouçam. Muitas que têm palavra e língua não têm ouvido; elas não podem ouvir nem vão escutar (ANDALZÚA, 2021, p. 61).

Por conta disso, a narrativa produzida por Barnet será atravessada por modos de perceber Esteban que estão além da relação interpessoal que o *mediador* acredita estabelecer com o *informante*. A mediação não é um ato de neutralidade epistêmica, se é que alguma é possível. Nesse sentido, ainda que estejam separados por um país e por mais de um século, Barnet construirá um olhar que em muito se assemelha ao de Samuel Moore, que não é apenas *compilador*, mas também autor da apresentação e de breve introdução ao texto biográfico de Mahommah Gardo Baquaqua, escravizado trazido para o Brasil, que migra para os EUA, Haiti, Canadá e, finalmente, Inglaterra, em incessante busca pela própria liberdade e pelo retorno à sua terra natal. Primeira evidência disso está no modo como parte do discurso é elaborado em cada texto. Em *Biografía de um Cimarrón*, há, sobretudo no primeiro capítulo, uma grande prevalência das descrições. Nelas, Esteban apresenta ao leitor os barracões em que vivia, a rotina de trabalho, os rituais religiosos e até o modo como ele e seus companheiros cortavam os cabelos. Apesar de possuir algum grau de narratividade, o texto é predominantemente descritivo, quando não enciclopédico. O mesmo ocorre no livro de Baquaqua, que, nos primeiros capítulos, conta com uma longa apresentação feita pelo *compilador*, Samuel Moore, na qual o leitor terá acesso a diversas descrições a respeito dos espaços, da rotina de trabalho, dos rituais religiosos e até do modo como os Zoogoos cortavam os cabelos.

O descritivismo marcante no momento introdutório de cada obra revela modos de olhar que encaram Esteban e Baquaqua como homens exóticos, distantes da realidade dos brancos e que, por isso, precisam ser *descobertos*. É preciso conhecer, para além do sujeito, “as técnicas de cultivar a terra, as cerimônias, as festas, as comidas, as bebidas” (BARNET, 1986, p. 12),

bem como “suas técnicas para obter fogo, para caçar (...) E também sua relação anímica com os elementos da natureza, plantas e animais, especialmente as aves²”. O que essas breves, mas importantes declarações demonstram é um problema de escuta, já que, para ouvir o que têm a dizer o sujeito escravizado, o detentor da palavra escrita, ou seja, o *mediador*, exige a presença de determinados temas. Temas que melhor satisfazem suas necessidades epistemológicas ou, ainda mais, as expectativas do leitor. Samuel Moore, compilador de Baquaqua, sabe disso, já que também faz questão de, na introdução, dedicar algumas linhas para lançar mão de um breve argumento que visa a certa legitimação do texto, vendendo para o público um produto exclusivo, que descreve a “África” por quem de fato viveu nela³.

Essas descrições são provenientes da boca de um nativo saído do interior da África que passou por todos aqueles lugares. Muitos trabalhos descritivos sobre aquele país são divulgados pela imprensa de tempos em tempos, mas nenhum apareceu como este. É simplesmente uma compilação ou narração dos eventos que acontecem na vida do próprio homem que os narra (BAQUAQUA, 2017, p. 10).

Para além da necessidade de reafirmar o papel do compilador, que Moore demonstra com insistente frequência, o trecho destacado pressupõe a existência de um público comprometido com um projeto de descobrimento do continente, ou ainda, da realidade que lhes era estranha, mas que, de alguma maneira, precisa existir para legitimar a existência dos sujeitos. Para que suas histórias sejam ouvidas, devem eles ser produtos legítimos de uma dada coletividade, de tal maneira que suas narrativas ganhem valor a partir da comprovação de sua conformação social. O sujeito escravizado é, portanto, escutado a partir de uma posição subalternizante, na qual não tem total agência acerca da narrativa de sua própria vida. A diferença entre os dois projetos, contudo, reside no grau de autoria de cada um. Enquanto Barnet atua como *mediador* e, efetivamente, como autor do livro, Samuel Moore aparece como *compilador* e revisor. Isso, claro, aponta para um grau distinto de intervenção e, consequentemente, para um grau de autoria que é maior no caso de Baquaqua que de Esteban. Contudo, em ambos os casos é possível apontar para limites implícitos operando no entorno daquilo que pode ou não ser dito⁴.

² Ibidem, p. 11

³ Fato que, por si só, revela o exotismo no olhar de Moore e de seus leitores, já que, como bem se sabe, Baquaqua não pode falar por todo um continente.

⁴ Ainda que não nos detenhamos especificamente sobre esses limites neste artigo, cabe citar que eles podem ser mais diretos ou indiretos. Em Barnet, nota-se limites muito claros já na organização do discurso, em que é possível perceber a presença implícita de perguntas norteadoras determinando o que é interessante que Esteban diga. Já em Baquaqua, tais limites são um pouco mais sutis, denotando um pacto social que exige que o autor fale a partir de um lugar que será confortável para os leitores. As extensas descrições e a presença de diversos

A lógica do *descobrimento* também pode ser observada na relação que *mediador* e *compilador*, ambos brancos, detêm com as manifestações linguísticas de seus interlocutores. Ainda que Baquaqua seja homem letrado, que domina pelo menos quatro idiomas, Samuel Moore se vê na necessidade de, na primeira frase do prefácio, apontar o seguinte:

Durante a compilação destas páginas muitas dificuldades foram naturalmente encontradas, principalmente pelo inglês falado de maneira imperfeita por Mahommah. Mas tomamos muito cuidado para torná-lo mais legível e claro o quanto fosse possível para a melhor compreensão para todos os leitores (BAQUAQUA, 2017, p.9).

Não muito diferente de Barnet, que fará questão de dizer o mesmo:

Em todo o relato poder-se-á apreciar que tivemos que parafrasear muito do que ele nos contava. Se tivéssemos copiado fielmente seu linguajar, o livro teria ficado difícil de ser compreendido e excessivamente reiterativo. Entretanto, fomos extremamente cuidadosos em conservar a sintaxe, quando ela não se repetia a cada página (BARNET, 1986, p. 12).

O que ambos os trechos revelam é um olhar normatizador, que avalia o outro a partir de um lugar de escuta marcado pela negação da subjetividade, isto é, um lugar que se nega a ouvir e que, por isso, tanto inferioriza a capacidade intelectual do outro quanto justifica a necessidade das figuras do *mediador* e do *compilador*. Como diz Karl Marx no 18 Brumário de Napoleão Bonaparte, “eles não podem representar a si, devem ser representados” (apud SAID, 1996, p. 11). São, portanto, postos no lugar de estranhos, de incompletos. Incapazes de definir a si próprios, falam apenas por meio de um linguajar, ou, como diria Hugo Achugar, de um balbúcio. Essa não é uma visão rara ou pouco frequente na história do mundo colonial. Está presente desde que Colombo pôs os pés no continente americano. Segundo ele, “os índios não possuem nenhum alfabeto ou escrita, não dizem bem seus mitos, e me é impossível transcrevê-los corretamente” (TODOROV, 1983, p. 25).

Tamanha semelhança entre declarações tão largamente separadas no tempo e no espaço é possível porque seus locutores pertencem a uma mesma matriz epistemológica, que, nos contextos coloniais, estabelece parâmetros para a legitimação das subjetividades e das formas de pertencimento. Isso, contudo, não torna as narrativas em objeto plano, em que mediador ou compilador têm total poder sobre a representação. Há, na verdade, uma disputa pela autoria, que se manifestará de diferentes maneiras em cada obra. No caso de Esteban, Barnet menciona sua constante preocupação com o que iria para o livro. Segundo ele, Esteban “olhava insistentemente nosso caderno de anotações e nos obrigava a anotar tudo o que dizia (...) e, em

juízos que partem do olhar cristão, construindo uma imagem de *bom selvagem*, são indícios elementares disso.

muitos casos, ele mesmo escolhia o tema que achava mais importante” (BARNET, 1986, p. 11). Já Baquaqua obtém um grau de agência muito maior porque é de suas mãos que vêm as palavras. Assim, ainda que sejam editadas e alteradas posteriormente, é a partir de seu olhar que se estrutura a narrativa. Isso se reflete em boa medida no modo como se apresentam os textos, sobretudo no que diz respeito à sua composição. Afinal, é verdade que em ambos há uma presença mais ou menos constante da descrição; suas manifestações, contudo, não são iguais. Em *Cimarrón*, há um número significativo de descrições ou de longas exposições deslocadas na narração, que servem a um propósito diretamente informativo.

A dança que eu mais me lembro é a da *yuka*. Na *yuka* se tocavam três tambores; a caixa, a mula e o cachimbo que era o menorzinho. Atrás, se tocava com dois paus em dois troncos de cedro ocos. Eram feitos pelos próprios escravos e acho que se chamavam *catá*. A *yuka* era dançada aos pares com movimentos fortes. Às vezes davam voltas como um pássaro e até parecia que iam voar, de tão rápido que mexiam. Davam saltinhos com as mãos na cintura. Todo mundo cantava para animar os bailarinos (BARNET, 1896, p. 30).

Já em Baquaqua, muitas das descrições surgem como elementos no interior da narrativa. Neste trecho, por exemplo, o autor fala a respeito de como são os cortes de cabelo para marcar uma relação de identidade e, mais ainda, de identificação.

Inicialmente ele não me reconheceu, mas quando me perguntou se meu nome era Gardo, e eu lhe disse que sim, o pobre homem ficou tão contente que tomou minhas mãos e me abraçou violentamente; tão feliz estava em me rever. Seu nome era Wooroo, vinha de Zoogoo e fora escravizado há cerca de dois anos; seus amigos não tinham a menor ideia do que tinha acontecido com ele. Perguntou-me sobre seus amigos em Zoogoo, se eu viera de lá recentemente, olhou para a minha cabeça e observou que meus cabelos ainda estavam raspados do mesmo jeito como quando estávamos juntos em Zoogoo; e eu concordei. Na África, as nações das várias regiões têm seus modos diferentes de cortar os cabelos e são conhecidas, por essas marcas, a que região pertencem. Em Zoogoo, o cabelo, de ambos os lados da cabeça é raspado e, da parte superior da testa até atrás, deixa-se o cabelo crescer em três mechas redondas, que ficam bem compridas, mantendo-se os espaços entre elas raspados próximos à cabeça. Para uma pessoa familiarizada com os diferentes cortes, não há dificuldade para saber a qual lugar um homem pertence (BAQUAQUA, 2017, p. 49).

O que se vê, portanto, são modos de representar que se manifestam de maneiras bem distintas a partir do grau de autoria do narrador. Se em Barnett impera de maneira mais produtiva a lógica do descobrimento, diante da qual é preciso descrever extensivamente tudo aquilo que interessa ao processo etnográfico, em Baquaqua muitas das descrições estão ligadas às necessidades do próprio sujeito, que as incorpora à narrativa e constrói um processo de identificação através das próprias referências. “Surge a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido” (EVARISTO, 2023, p. 29).

Outro elemento que emerge em ambos, ainda que de maneira relativamente distinta, é o exercício da digressão. A esse respeito, Baquaqua é sem dúvida mais constante, apontando questões que lhe parecem relevantes para compor diferentes argumentos. Exemplo disso se vê no trecho em que Baquaqua fará uso da narrativa para descrever seu estado de espírito:

Quando chegamos, sentia-me profundamente deprimido e desanimado, sem qualquer esperança de novamente voltar à minha casa, mas até aquele momento imaginava que fosse capaz de efetuar minha fuga (...) como pensava em minha família, em minha mãe! (...) onde quer que fosse meu coração afundava numa profunda amargura, então imaginava meus “velhos lá em casa” (BAQUAQUA, 2017, p. 48. grifo do autor).

Essa descrição, mais uma vez, não aparece à esmo. Serve, em verdade, a um propósito argumentativo, que se manifesta logo em seguida, quando Baquaqua fará uso desse momento para realizar breve digressão:

Algumas pessoas supõem que o africano não possui algum tipo dos nobres sentimentos de humanidade dentro do seu peito e que o leite da bondade humana não é executado através da sua composição. Isso é um erro, um erro do tipo mais asqueroso e infame. Os sentimentos que animam toda a raça humana vivem dentro das criaturas escuras da zona tórrida, assim como nos habitantes das áreas temperadas e frias. Os mesmos impulsos levam à ação, o mesmo sentimento de amor agita seu peito, os mesmos sentimentos maternos e paternos estão todos lá, as mesmas esperanças com seus temores, as tristezas e as alegrias; de fato tudo isso se encontra ali como no restante da humanidade (BAQUAQUA, 2017, p. 48).

Se anteriormente a descrição surgia como um modo de estabelecer o cenário necessário para que Baquaqua levantasse um ponto a respeito das relações de identidade; agora, a narração produz uma ilustração que será recuperada pela digressão posterior, de modo a consolidar um argumento que tanto humaniza sujeitos até então desumanizados quanto aponta a responsabilidade daqueles que contribuíram para fomentar a desumanização. Além disso, é importante observar que Baquaqua o faz a partir de uma posição de agência, tomando para si o discurso universalizante da ciência, seja a partir de termos descritivos diretamente ligados ao modo como a geografia descreverá seu continente, seja a partir de um modelo conceitual totalizante das relações entre sujeitos, que está presente nas várias comparações que estabelece, e que se manifesta de maneira mais pungente no uso da palavra *humanidade*. Isso, claro, não é esforço deslocado. Baquaqua fará uso de outros elementos ligados aos discursos do colonizador para, logo em seguida, desafiar o leitor a partir deles, como se vê no seguinte trecho.

(...) A única diferença é a sua cor, mas que foi organizada por aquele que fez o mundo e tudo que nele há como os céus e as águas até o mais profundo abismo, a lua, o sol e as estrelas, o firmamento e tudo o que foi criado desde o início até o presente momento, afinal, por que deveria qualquer pessoa desprezar as obras das suas mãos e

que têm sido feitas e geradas conforme o poder do Todo-Poderoso na plenitude da sua bondade e misericórdia.

Ó desprezadores das suas obras, olhai-vos a vós mesmos e vê-de. Aquele que pensa estar de pé tome cuidado para que não caia (BAQUAQUA, 2017, p. 48. Grifo meu.).

Ao se apropriar do aparato epistêmico que lhe fora imposto pelo poder hegemônico para, em seguida, expor suas contradições, Baquaqua ensaia o gesto de Calibã, que aprende a língua do Europeu para que nela pudesse amaldiçoar⁵. Assim, propõe um momento em que suas palavras, mais que narrativa, são ato. Ato de rebelião, de desencadeamento da ordem, em que o autor se revela incômodo e contraditório em relação ao poder hegemônico. Isso é possível porque Baquaqua não fala a partir de outro, mas a partir de si. Diz aquilo que lhe interessa dizer porque é autor de suas palavras. Seu lugar é de revolta com o modelo escravocrata. Apontar as hipocrisias do mundo branco e colonial é uma forma de expressá-la.

Esse movimento, de observação dos elementos ligados ao racismo e à colonização, também aparece no testemunho de Esteban. Há, contudo, uma diferença importante. Sabendo que o livro foi motivado por entrevistas posteriormente organizadas em narrativa por Barnet, não é possível que Esteban construa seu próprio projeto. Talvez por isso suas digressões sejam, em geral, mais curtas e pontuais, criticando elementos distintos, que surgem a partir de momentos da narrativa.

Quando passava algum tempo e a *esquifación*, que era a roupa dos escravos, se gastava, eles davam aos homens uma nova, feita de *pano de russia* (um pano grosso e bom para o campo), um *tambor*, que eram calças com bolsos grandes que ficavam paradinhos, lonita e um gorro de lã pro frio. Os sapatos eram, em geral, de vaqueta, de corte baixo, com dois buracos pra amarrar. Os velhos usavam *chacualas*, que eram de sola plana com um cordão amarrado no dedo gordo. **Isso sempre foi moda africana, embora agora os brancos também usem e chamem de chinelos ou pantufas** (BARNET, 1986, p. 25. Grifo meu).

Neste trecho, por exemplo, Esteban dá importante ênfase para a apropriação, por parte dos brancos, das *chacualas*, revelando um processo fundamental para pensar as relações de apagamento e de inferiorização no contexto do racismo colonial. Contudo, todo o trecho anterior apresenta uma descrição da indumentária que quase sugere a presença de uma pergunta norteadora a respeito das roupas masculinas e femininas dos escravizados. Esteban, então, procede para uma longa exposição e, ao final dela, pinça um dos elementos para tecer a crítica. Os demais, por outro lado, servem mais ao propósito de descobrimento que à argumentação

⁵ Como visto na página 29 da peça *A tempestade*, de William Shakespeare. V. ref.

proposta. Isso se reforça a partir da leitura do parágrafo seguinte, no qual Esteban abandona completamente o tema anterior e começa a falar a respeito dos vendedores de loteria.

O que isso revela é que a agência limitada que Esteban tem sobre a narrativa não o impede completamente de se colocar. No entanto, ao fazê-lo, precisa dar conta dos diversos temas e das diversas demandas que lhe são apresentadas a partir do projeto de Barnet. Por conta disso, o texto, ainda que contando com a presença de elementos ligados à argumentação, aproxima-se muito mais de um constante exercício de exposição, acrescido de comentários que ora se justificam no interior do que foi dito, ora se perdem em meio ao conjunto de demandas apresentadas pelo *mediador*. Isso é especialmente importante porque é Barnet quem dirá, na introdução do livro, que a fala de Esteban é “solta e sem ordem cronológica” (BARNET, 1986, p. 10), apontando para um grau de fragmentação que demanda sua intervenção para “ordená-la”. No entanto, a fragmentação do discurso se mantém e, em verdade, parece motivada justamente pela técnica adotada por Barnet, de fazer perguntas bastante diversificadas, cujas respostas pressupõem descrições longas e variadas.

Dessa forma, o que desponta é um encontro marcado pela presença constante do esvaziamento das subjetividades de Esteban. Surge uma fala que, apesar de vivida, é coletada, catalogada no papel e posta em exposição para o público. Um tipo de peça de museu que, como explica Ailton Krenak, serve para tomar para si o que é do outro, pois, tal como a gilete, a espada e a motosserra, o livro se torna uma dessas armas que “os brancos usam pra controlar o mundo” (MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2022, 26:04)⁶. Assim, se a pergunta fundamental levantada por Spivak em *Pode o subalterno falar?* desponta, primeiramente, como uma necessidade crítica a partir da reverberação teórica provocada pela sucessão de deslocamentos promovidos pelos ventos do sul⁷, hoje, talvez, outra questão comece a surgir no horizonte, a fim de inverter posicionamentos e somar esforços na luta pela transformação da vida nas antigas colônias:

Afinal, pode o dominante ouvir?

REFERÊNCIAS

⁶ Conforme fala de Ailton Krenak. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C8e66OFOyPQ>

⁷ Entendo por “ventos do sul” o conjunto de elaborações teóricas e artísticas formuladas por poetas e artistas do inventado hemisfério sul, sobretudo em contextos relacionados ao continente africano, que serão, depois, conceptualizados em “epistemologias do sul” por Boaventura de Sousa Santos.

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

ANDALZÚA, Gloria. *A vulva é uma ferida aberta e outros ensaios*. Trad. Tatiana Nascimento. Rio de Janeiro: A Bolha, 2022.

BAQUAQUA, Mahommah Gardo. Biografia de Mahommah Gardo Baquaqua: um nativo de Zoogoo, no interior da África. Trad. Lucianni M. Furtado. São Paulo: Uirapuru, 2017

BARNET, Miguel. *Biografía de un cimarrón*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1979.

_____. *Memórias de um Cimarron: testemunho*. Trad. Beatriz A. Cannabrava. São Paulo: Marco Zero, 1986.

_____. Para Llegar a Esteban Montejo: los caminos del cimarrón. *Contracorriente*, a. 2, n. 6, Havana, 1996, p. 29-44.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Trad. Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Apicuri; Editora PUC-RJ, 2016.

PRECIADO, Paul. *Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas*. Trad. Celso Longo. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Trad. Tomás Rosa Bueno. 1ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SHAKESPERE, William. *A tempestade*. Trad. Rafael Rafaelli. Florianópolis: Editora UFSC, 2014.

SKLODOWSKA, Elzbieta. Miguel Barnet y la novela-testimonio. *Revista Iberoamericana*, v. 68, n. 200, jul.-set. 2002, p. 799-806.

EVARISTO, Conceição. Além do horizonte crítico. [Entrevista concedida a] SANTOS, Yasmin. *Quatro cinco um*, São Paulo, abril 2023, p. 28-29.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida. 6ª reimp. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2023.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: questão do Outro*. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA. *A ideia de nação, com Ailton Krenak*. Youtube, 7 maio 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C8e66OFOyPQ>. Acesso em 05/07/2023.